

A boa nova despejada pelo caminhão

Goiabada, sorvete e iogurte com data de validade vencida chegam ao aterro como lixo de supermercado e viram banquete

Quinta-feira, 17h40. Sol indo embora e uma leve ameaça de chuva no céu. Lá vem ele. "Lá vem a boa!", gritam. Alvorço no aterro sanitário da Estrutural. Correria. A boa está chegando. E chega, no meio do poeirão. As crianças arregalam os olhos. Sorriem. Os adultos correm com seus ganchos. Os mais velhos também se apressam. Não vale ficar para trás. Uma multidão se espreme ao redor do carro.

A boa é um caminhão do Carrefour — com o lixo do próprio supermercado e produtos com prazo de validade vencido. Leite, iogurte, queijo, doces, sorvete, conservas em geral e latas de refrigerante e cerveja.

Nesse momento, a cena se torna surreal. Mas é absolutamente real. É chocante. Vale tudo para conseguir um pedaço de queijo, uma lata de goiabada, um presunto. Catadores se engalfinham.

No meio da confusão e do empurra-empurra, eis que surge uma lata de sorvete. Um catador abre o recipiente e bebe o sorvete derretido ali mesmo. Lambuzo-se. Saciado, oferece o que sobrou aos colegas. Vira festa. Outro encontra um dano. Mais festa. Uma menina delicia-se com uma marmelada. Uma senhora acha uma embalagem cheia de presunto e pão. "Meu Deus, que coisa boa", agradece.

O caminhão parte. "Amanhã tem mais", apostam uns. "E tem dos bons", garante outro. Sacos cheios, desejo satisfeito, o dia seguinte promete.

O que sobrou do caminhão do Carrefour — papel, latas e plástico — é cuidadosamente embalado. Terá venda garantida.

Cansados, depois da guerra para conseguir o alimento do dia, os catadores vão embora. Carregando sacos na cabeça e com certeza de que a batalha vai começar no dia seguinte. Maria José da Silva, a parai-bana dos relógios e "mãe" dos pintinhos, anda dois quilômetros até chegar ao seu barraco. "Amanhã tô aqui de madrugada."

ODOR INSUPORTÁVEL

Um dia, ele teve uma casa alugada no P Sul, em Ceilândia. Fez planos de criar os quatro filhos com escola, roupa e um pouco de cidadania. Tudo não passou de planos. Motorista de uma empresa aérea, Manuel Nunes Pereira, 33 anos, há seis anos levava uma vida razoável. Se não tinha luxo, pelo menos um pouco de dignidade. "A gente até viajava", lembra.

"Com o governo Collor fui demitido", diz. Sem ter como sustentar a família, Manuel acabou cantando papel no Lixão. Hoje, mora na

Invasão da Estrutural com a mulher e os filhos, como o resto que não serve aos supermercados e ganha uns trocados vendendo papelão que cata com a mulher.

Só o filho mais velho, Robertson, 12 anos, está na escola. Jefferson, 5, e Pablo, 9, sequer conhecem uma sala de aula. Gabriel, o mais novo, com três meses, nas-

Fotos: Sérgio Amaral



Maria José da Silva, 59 anos, que achou 19 pintinhos no lixão, caminha dois quilômetros todos os dias até o aterro

ceu no Lixão, em meio à poeira e ao odor insuportável.

Mas, apesar da miséria absoluta em que vive com a família, Manuel não perdeu a esperança. "As pessoas se acomodam aqui porque acham calçado, comida e pensam que isso é tudo. Eu vou sair daqui", garante.

Sobre a mudança radical pela qual passou nos últimos anos, o ex-motorista se resigna: "A vida é assim mesmo: a gente cai hoje, levanta amanhã e tem que sobreviver". A mulher de Manuel, Ângela Maria Camilo Nunes, 30 anos, — menos resignada que o marido — ouve a conversa e intervém: "Vida? Que vida? Pra mim depois daqui não há mais o que esperar. Esse lugar é o fim da linha".

Manuel interrompe a conversa e pergunta ao fotógrafo do Correio:

"Você pode me dar uma cópia dessa foto?". Em seguida, explica o pedido: "Quero guardar de lembrança pra lembrar que passei por aqui. Vai ter um dia que ao invés de pegar o lixo daqui vou mandar o lixo pra cá".

LIVRO DE PORTUGUÊS

Severina Vitor dos Santos, 29 anos, lamenta não ter estudado. Chega a chorar por isso. "Minha família é muito pobre e tive que parar na quarta série", lamenta. Pernambucana de Olinda, há oito anos ela, o marido e as duas filhas vivem na área do Lixão. Tiram o sustento vendendo plástico e papelão. Em média, por semana, o casal ganha R\$ 100. Para completar a renda, criam porcos.

"A gente nunca pensa que um dia vai parar num lugar como esse, seja sempre o melhor, mas foi o que

restou pra gente", constata. Por lamentar não ter tido a chance de um futuro melhor, ela e o marido têm se empenhado para que as filhas "tenham um futuro longe do lixo. As duas estão na escola. "Pode faltar tudo, mas estudo não", garante. "Enquanto eu viver, elas (as filhas) não vêm pra cá", continua.

Ele cata lixo à tarde e estuda a quarta série pela manhã numa escola do Guará. Sonha em ser jogador de futebol. "Pra ganhar dinheiro e tirar minha mãe e meus quatro irmãos daqui", planeja José Bernardo da Costa, 16 anos.

Na semana passada, em meio à tonelada de papel que cata, o garoto encontrou um livro de português. O livro de que precisava na escola. "Fiquei muito contente. Não tinha dinheiro pra comprar", vibra. (MA)

Há três décadas no luxo do lixo

O lixo pode ser um luxo. Depende do ângulo e de quem assim o vê. Para Haroldo Vale da Silva — o "tio" Haroldo, como é conhecido no aterro sanitário da Estrutural — o lixo foi — tem sido e será — um verdadeiro luxo. Ele não tem a menor dúvida disso.

Pioneiro no aterro sanitário da Estrutural, esse mineiro de 60 anos — nove filhos, 20 netos e quatro bisnetos — ganhou a vida catando papel. São 29 anos de "profissão", que renderam a esse ex-pedreiro uma casa em Brasilinha — onde mora parte dos filhos e a ex-mulher — e dois terrenos em Minas Gerais.

Para ficar mais perto do lixo, Haroldo tem um barraco na Invasão da Estrutural. "Acostumei tanto que se tiver que sair daqui não vou acostumar", diz. Nessas quase três décadas, o luxo que veio do lixo é contabilizado como um tesouro: dois relógios de ouro, dois anéis e duas alianças. "Isso aqui é um grande garimpo", avalia o "tio" Haroldo.

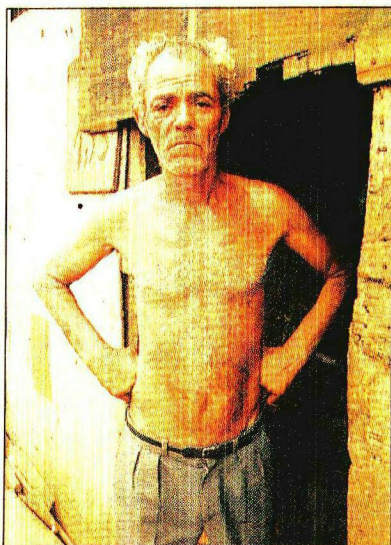
Sobre o destino dos bens adquiridos ao longo de anos na incessante "garimpagem", o catador já definiu o que fazer: "É o que vou deixar para os meus filhos". Catando papel e lata, Haroldo chega a faturar mais de R\$ 500 por mês.

PINGA

"Não tenho do que reclamar", constata. "Bebo minha pinguinha, faço churrasco no final de semana com a família em Brasilinha e levo a vida sem problema de saúde. Trabalho de sol a sol", gaba-se.

O pioneiro não tem vergonha de assumir que já comeu muito do Lixão. "Mas só da boa", apressa-se em explicar. "Leite, iogurte, queijo e muita coisa de primeira."

O Lixão definitivamente foi bom para Haroldo. "Se tivesse que recomendar a vida, faria tudo novamente. O lixo é vida", sentencia. Vida? "Claro, aqui as pessoas tiram o sustento todo dia. Só não ganha quem não quer trabalhar." (MA)



Haroldo Vale é pioneiro do Lixão e mora num barraco na invasão